

I — As Aberrações Sexuais¹

A existência de necessidades sexuais em seres humanos e animais é designada em biologia com a suposição de que existe um «instinto sexual», comparado por analogia com o instinto da nutrição e a fome. Falta na linguagem popular uma designação correspondente à palavra «fome». A ciência emprega para esse fim o termo «libido»².

A opinião popular tem noções muito precisas a respeito da natureza e características deste instinto sexual. Diz-se que ele está ausente na infância e que só se forma com o advir da puberdade, associado ao processo de amadurecimento; que se revela nas manifestações de uma atracção irresistível que um sexo exerce sobre o outro e, por fim, que tem como objectivo a união sexual ou, pelo menos, actos que conduzam a essa união.

No entanto, temos razões para crer que estas ideias fornecem um retrato falso da realidade, já que, ao olhá-las com mais atenção, depressa demonstramos serem ricas em enganos, imprecisões e conclusões precipitadas.

Introduzamos aqui dois termos: à pessoa de quem provém a atracção sexual chamemos *objecto sexual* e ao acto para o qual o instinto impele chamemos *alvo sexual*. A experiência científica demonstramos que existem vários desvios no que toca a ambos, tanto ao objecto como ao alvo sexuais, e a relação entre esses desvios e a convencionada norma exige profunda investigação.

1) Desvios em relação ao objecto sexual

A popular teoria do instinto sexual é poeticamente reflectida no mito da divisão do ser humano em duas metades — homem e mulher —

que, através do amor, se esforçam por se unir mais uma vez. Assim sendo, é com grande surpresa que descobrimos existirem homens cujo objecto sexual é representado por homens e não mulheres, bem como mulheres que têm como objecto sexual mulheres e não homens. Destas pessoas se diz que têm sexualidade contrária ou são invertidos, e o facto é conhecido por inversão. O número destes indivíduos é considerável, ainda que a sua determinação exacta imponha sérias dificuldades³.

A) A Inversão

Comportamento dos invertidos

O comportamento destes indivíduos é muito diferente, em vários sentidos.

a) Eles podem ser *invertidos absolutos*, ou seja, o seu objecto sexual é exclusivamente do mesmo sexo, ao passo que o sexo oposto nunca se torna objecto de desejo, deixando-os, pelo contrário, indiferentes ou despertando até um sentimento de aversão sexual. Assim sendo, no caso dos homens, essa inversão incapacita-os de executar o acto sexual normal ou priva-os de qualquer prazer na execução desse acto.

b) Podem ser invertidos *anfigénicos* (hermafroditas psicosexuais), isto é, o seu objecto sexual pode pertencer ao mesmo sexo ou ao sexo oposto. A inversão sexual não tem, portanto, um carácter exclusivo.

c) Podem ser *invertidos ocasionais*, ou seja, quando sujeitos a determinadas condições exteriores (sendo as mais importantes a inacessibilidade do objecto sexual normal e a imitação do mesmo), estes indivíduos podem aceitar como objecto sexual uma pessoa do mesmo sexo e sentir satisfação no acto sexual com essa pessoa.

Para além disso, os invertidos apresentam múltiplas diferenças na forma como ajuízam a peculiaridade do seu instinto sexual. Alguns aceitam a inversão como um estado natural, exactamente da mesma forma que o normal encara a direcção da sua libido, e defendem com veemência a sua igual legitimidade. Outros, pelo contrário, opõem-se à inversão e sentem-na como uma compulsão patológica⁴.

Outras variações existem no que concerne a questões temporais. A particularidade da inversão pode ser afirmada como tendo existido

desde sempre, desde que o indivíduo se recorda, ou pode ter-se manifestado apenas a partir de determinada altura, antes ou depois da puberdade⁵. Essa característica pode manter-se imutável durante toda a vida ou, pelo contrário, pode recolher-se ou constituir simplesmente um episódio no caminho para o desenvolvimento normal. É possível ainda que a inversão se manifeste já tarde na vida, após um longo período de actividade sexual normal. Para além disso, também se observa por vezes uma oscilação periódica entre o objecto sexual normal e o invertido. São particularmente interessantes os casos em que a libido se altera no sentido da inversão depois de uma experiência penosa com o objecto sexual normal.

Estas múltiplas séries de variações encontram-se geralmente lado a lado e independentes umas das outras. No entanto, é possível assumir que a forma mais extrema de inversão existe desde há tempos muito recuados e que o indivíduo em causa se sente à vontade com a sua peculiaridade.

Vários autores recusar-se-iam a reunir num só conjunto os vários casos aqui enumerados, preferindo acentuar as diferenças destes grupos em vez dos seus pontos em comum, de acordo com a sua forma preferida de ajuizar a inversão. No entanto, e apesar da legitimidade de tais distinções, é impossível não reconhecer que existe todo o tipo de graus intermédios de inversão, pelo que se torna óbvio que se trata de uma série contínua.

Natureza da inversão

A primeira avaliação da inversão afirmava-a como um sinal inato de degeneração nervosa, o que correspondia ao facto de os observadores médicos a terem observado primeiro em doentes nervosos ou em pessoas que aparentavam sê-lo. Esta caracterização encerra em si duas ideias que devem ser consideradas separadamente: a de que a inversão é inata e a de que é uma degeneração.

Degeneração

Neste contexto, o conceito de degeneração está sujeito às objecções levantadas pelo uso indiscriminado desta palavra em geral. De facto, tornou-se costume atribuir à degeneração qualquer tipo de sintoma patológico que não tenha uma óbvia origem traumática ou infecciosa. A

classificação dos degenerados elaborada por Magnan levou a que o conceito de degeneração possa ser aplicado até a um sistema nervoso que, em traços gerais, funciona perfeitamente. Nessas circunstâncias, devemos questionar se a aplicação do juízo «degeneração» ainda tem alguma utilidade ou acrescenta algo de novo. Afigura-se mais oportuno não falar de degeneração se:

- 1) não se verificarem simultaneamente vários desvios à norma;
- 2) a capacidade geral de funcionamento e sobrevivência não estiver severamente lesada⁶.

Vários factos indicam que os invertidos não são degenerados neste sentido legítimo da palavra:

1) a inversão verifica-se em pessoas que não apresentam quaisquer outros desvios à norma;

2) do mesmo modo, encontra-se em pessoas cuja capacidade de funcionamento não está prejudicada e que, pelo contrário, exibem um elevado desenvolvimento intelectual e cultura ética⁷.

3) se desconsiderarmos os pacientes que encontramos no decurso da nossa experiência médica e procurarmos estabelecer um horizonte mais alargado para as nossas observações, encontraremos, em duas direcções diferentes, factos que nos impedem de julgar a inversão como um sinal de degeneração.

a) É preciso ter em consideração o facto de a inversão se tratar de um fenómeno frequente — quase uma instituição encarregada de funções importantes — entre os povos antigos, no auge da sua cultura.

b) Ela verifica-se de forma extremamente disseminada, entre povos selvagens e primitivos, ao passo que o conceito da degeneração está geralmente restringido às civilizações elevadas (I. Bloch). Seja como for, mesmo entre os povos civilizados da Europa, o clima e a raça exercem a mais poderosa influência sobre a disseminação da inversão e as atitudes tomadas em relação a ela⁸.

Carácter inato

Que a inversão seja inata é algo que só se pode afirmar em relação à primeira e mais extrema classe de invertidos, e isso porque estes indivíduos asseguram que em momento nenhum das suas vidas o seu instinto sexual se manifestou em qualquer outra direcção. No entanto, a existência das duas restantes classes, em especial a terceira, dificilmen-

te se compreende à luz de um carácter inato. Daí se explica a tendência dos defensores deste ponto de vista, que separam os invertidos absolutos de todos os outros, assim desistindo de um entendimento universalmente válido da inversão. Na opinião destes autores, a inversão seria, numa série de casos, um carácter inato, ao passo que, noutros, poderia ter surgido de outra forma.

O contraponto desta noção é a de que a inversão é um carácter *adquirido* do instinto sexual. Esta ideia baseia-se nas seguintes considerações:

1) é possível demonstrar em muitos invertidos (inclusive em invertidos absolutos) que uma forte impressão sexual ocorreu muito cedo na vida, deixando como consequência permanente uma inclinação homossexual.

2) em muitos outros verificam-se influências externas na vida, quer propiciadoras, quer inibidoras, que, mais cedo ou mais tarde, conduziram à fixação da inversão (por exemplo, o contacto exclusivo com pessoas do mesmo sexo, o companheirismo na guerra, o encarceramento na prisão, os perigos das relações heterossexuais, o celibato, a fraqueza sexual, etc.)

3) é possível remover a inversão através de sugestão hipnótica, o que seria assaz prodigioso no caso de um carácter inato.

Levando em conta estas considerações, é possível contestar a própria existência de uma inversão inata. Podemos argumentar (*cf.* Havelock Ellis) que um exame mais preciso dos casos de suposta inversão inata revelaria provavelmente uma experiência na primeira infância que determinou a direcção da libido. Essa experiência não teria ficado conservada na memória consciente do indivíduo mas seria possível recuperá-la, através do exercício das influências apropriadas. Na opinião destes autores, a inversão só poderia então ser considerada uma variação frequente do instinto sexual, que é determinável por via de uma série de circunstâncias externas na vida do indivíduo.

No entanto, esta conclusão aparentemente tão segura cai por terra se levarmos em consideração que várias pessoas sofrem as mesmas influências sexuais (como sedução ou masturbação mútua no início da juventude) sem se tornarem invertidos, ou sem assim permanecerem. Assim sendo, somos levados a presumir que a alternativa entre «inato» e «adquirido» é incompleta ou não contempla todas as condições da inversão.